

A bolsa ou a aula?

DANIEL MARQUES

Nos últimos dias, a imprensa local vem registrando um fato desolador e, do ponto de vista social, até mesmo trágico: milhares e milhares de crianças e adolescentes sem aulas quase dois meses depois de iniciado o ano

letivo. E o que é pior, desta vez, não são as costumeiras greves que impedem esses alunos de estarem nas salas de aula, mas algo muito pior, porque nasce daqueles que deveriam ter a responsabilidade de garantir a esses jovens o acesso ao ensino. Infelizmente, desta vez a incompetência e a falta de planejamento são os vilões dos estudantes. O GDP ("Governo Democrático e Popular"), numa aula de cinismo, repete-se em desculpas esfarrapadas e em falta de correções concretas para seus desacertos. Desacertos estes que têm se materializado na tragédia da falta de professores nas escolas.

Para quem ainda precisava de provas, esta é a mais concreta constatação de que este governo só tem a Educação como prioridade em seus discursos e peças publicitárias. Na prática é o que estamos vendo: descaso, incompetência, desrespeito. É a mais concreta constatação de que a bandeira da Educação, conveniente levantada durante a campanha eleitoral, está rasgada e esquecida num galpão qualquer do desdém. Repete-se aqui no Distrito Federal o que já se viu com frequência nos mais diversos grotões deste País; a população que deu seu voto aos atuais ocupantes do Palácio do Buriti recebeu um cheque sem fundo. Acreditou num discurso falacioso, cujo carro-chefe era a Bolsa Escola, e, agora, se depara com a dura realidade. E se questiona: de que adianta bolsa se não tem aula, se o professor está insatisfeito, se as escolas

estão entregues à

destruição, se

falta desde o giz à

merenda escolar?

Para mim, que

estou deputado

distrital mas sou

professor da

F u n d a ç ã o

Edudacional,

esses aconteci-

mentos são par-

ticularmente

dolorosos. Todos

nós, professores,

sabemos como

poucos as conse-

q ü ê n c i a s

danosas da falta de aulas. Um cal-

endário escolar é algo que deve se

cuidadosamente planejado e executado.

Qualquer falha traz prejuízos incal-

culáveis e, muitas das vezes, irrever-

síveis, sobretudo para o aluno. Algo tão

elementar que já deveria ter sido assim-

ilado pelo professor que atualmente

ocupa o cargo de governador e pelo

outro, que ocupa o cargo de secretário

de Educação. Mas a "genialidade" dess-

es cidadãos não foi suficiente para

absorver esses preceitos fundamentais.

A prova é que tiveram pelo menos de

dezembro a março para providenciar a

contratação de professores e até agora

estão às voltas com explicações

estapafúrdias para sua falta de capaci-

dade, cujos resultados trágicos todos

estamos presenciando.

Nada existe de mais vexatório para

qualquer governo do que ser notificado

pela justiça para que cumpra com sua

obrigação. É o que aconteceu com o

GDP, que recebeu do Juizado da

Infância e da Adolescência uma notifi-

cação judicial para que inicie imediata-

mente as aulas para milhares de alunos

ainda fora das escolas. Os promotores

de justiça vieram ao socorro de centenas

de famílias por entenderem, acertada-

mente, que o governo está violando o

direito fundamental à educação previsto

na Constituição Federal. Ainda assim, o

GDP continua a descumprir o seu dever.

A imprensa noticiou, também, vários

exemplos de crianças que, apesar

deterem Bolsa Escola, estão sem aulas

desde o início do ano letivo. É o caso de

se perguntar: o que é melhor? Vinte mil

crianças com Bolsa Escola mas sem

aulas ou todas as crianças na escola?

Por hora, ficaríamos mais satisfeitos se

tivéssemos pelo menos as aulas.

*"Nada existe de
mais vexatório
do que ser
notificado pela
Justiça para
cumprir uma
obrigação"*

■ Daniel Marques é deputado distrital pelo PMDB e professor licenciado da FEDF.

■ A coluna Tribuna da Cidade sai às segundas, quartas e sextas-feiras e está aberta a todos os segmentos da sociedade.